

# TÍTULO: A IMPORTÂNCIA DO PAI NA FORMAÇÃO PSÍQUICA DOS FILHOS

Vanderlei dos Santos Pereira <sup>1</sup>·Thais Fernanda Roberto Oliveira <sup>2</sup>

Milena Valadão Nunes <sup>3</sup>

## RESUMO

O presente estudo tem como finalidade descrever a importância do pai (ou daquele que faz essa função) na formação psíquica dos filhos. São poucos os estudos que relatam a importância deste tema, tendo em vista que a mãe sempre foi o centro das atenções a respeito da formação psíquica dos filhos, mas como a cultura vem passando por transformações onde o pai já não é o único provedor da casa, a mãe vem dividindo espaço nos cuidados com os filhos, tendo em vista que essa participação paterna é tão relevante como a participação materna. O texto aqui construído tem como objetivo mostrar as transformações que estão acontecendo na relação familiar e como a função paterna contribui nos relacionamentos dos filhos com o próximo. Tendo em vista que a primeira pessoa que faz o corte da relação da mãe com os filhos é o pai, é a forma como esse pai relaciona com seu filho que definirá que tipo de conduta o filho terá na sociedade. Pesquisas apontam que a delinquência, relacionamentos abusivos, repetições patológicas de comportamento e alguns casos de homossexualidade masculina e feminina, derivam de uma atuação deficiente do pai na vida dos filhos, deficiência esta causada pela ausência física ou emocional deste pai, pela passividade ou pela agressividade, física ou verbal. Entendendo que na clínica psicanalítica o discurso do analisando remeterá em algum momento a pessoa do pai, compreender as marcas desta deficiência produzida na relação com o mesmo poderá contribuir ao processo analítico.

**Palavras Chaves:** paternidade, pai, função paterna, psicanálise.

## ABSTRACT

The purpose of this study is to describe the importance of the father (or the one who does this) in the psychic formation of the children. There are few studies that report on the importance of this topic, considering that the mother has always been the center of attention regarding the psychic formation of the children, but as the culture is undergoing transformations where the father is no longer the only provider of the house, the mother has been dividing space in the care of the children, considering that this paternal participation is as relevant as the maternal participation. The text here is designed to show the transformations that are happening in the family relationship and how the paternal role contributes in the relationships of the children with the neighbor. Since the first person who cuts off a mother's relationship with her children is the father, it is the way that father relates to his son that will define what kind of behavior the child will have in society. Research indicates that delinquency, abusive relationships, pathological repetitions of behavior and some cases of male and female homosexuality derive

from a poor performance of the father in the children's lives, a deficiency caused by the physical or emotional absence of this father, by passivity or aggressiveness, physical or verbal. Understanding that in the psychoanalytic clinic the discourse of the analysand will at some point remit the person of the father, understanding the marks of this deficiency produced in the relation with the same can contribute to the analytical process.

**KeyWords:**paternity, father, parental function, psychoanalysis.

<sup>1</sup>Acadêmico do Curso de Psicologia INESUL.<sup>2</sup>Possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente no Curso de Psicologia do Instituto de Ensino Superior de Londrina (INESUL). Especialização em Educação Especial, Universidade Norte do Paraná, UNOPAR, Brasil. Especialização em Pós Graduação em Gestalt-terapia, Núcleo de Educação Continuada do Paraná, NECPAR, Brasil. Especialização em Residência em Psicologia Clínica e da Saúde - Ênfase Humanismo, Centro Universitário Filadélfia, UNIFIL, Brasil. <sup>3</sup>Possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente no Curso de Psicologia do Instituto de Ensino Superior de Londrina (INESUL). Especialista em Psicanálise: teoria e clínica, NECPAR/CESUMAR – Maringá. Especialista em Psicologia do Trânsito. SAPIENS - Instituto de Psicologia – Londrina. Pós-graduada em Avaliação psicológica. SAPIENS - Instituto de Psicologia – Londrina.

## INTRODUÇÃO

Desde os primórdios a relação social foi sendo construída pelos vínculos afetivos que foram sendo estabelecidos para a manutenção e sobrevivência da vida humana. Não existiria vida humana se os mesmos vivessem isolados, sem laços afetivos, o bicho homem é uma raça que nasce dependente do outro para sobrevivência, é dentro desta realidade, da fragilidade da raça humana que foi se constituindo a família. Nesta construção social surgem papéis sociais delegados a cada membro deste grupo, cujo objetivo é a sobrevivência da prole e a perpetuação da espécie.

Os papéis estabelecidos delegaram funções onde cada membro deste grupo tem responsabilidades a serem cumpridas. Pode-se dizer que o homem dentro deste grupo familiar, a princípio, tinha a função de mantenedor, provedor do alimento e da proteção do grupo familiar, enquanto a mulher tinha como função gerar e cuidar da prole por ela concebida.

As mudanças culturais que foram ocorrendo na vida do ser humano foram dando a esse grupo familiar outras funções que até então não lhes eram impostas com tanta cobrança como há hoje.

Através do surgimento da psicologia e os estudos das relações humanas, passou-se a perceber as construções psíquicas que surgem dentro das relações

familiares, descobriu-se como a relação da mãe com criança pode afetar nas escolhas desta criança no decorrer da sua vida adulta.

Através do surgimento das ciências humanas o ser humano passou a entender que a constituição da família vai muito além dos cuidados físicos e da provisão do alimento, existe uma psique envolvida nestas relações que é desenvolvida na relação com os genitores.

Através da observação destes fatores passou-se a buscar compreender como os papéis desenvolvidos dentro deste grupo familiar influenciam no desenvolvimento psicológico dos filhos e qual a importância disto na vida em sociedade.

Durante muito tempo coube à mulher a responsabilidade pelo desenvolvimento emocional dos filhos, sua participação na formação psíquica do recém-nascido foi motivo de muitos estudos e pesquisas, deixando o pai quase que sem participação nestas pesquisas, eximindo o mesmo de qualquer responsabilidade, colocando o apenas como o doador do esperma e provedor da família constituída por ele.

Mas com o decorrer do tempo o pai não pode ficar de fora da responsabilidade de ser um participante fundamental na formação e no desenvolvimento psíquico e afetivo dos filhos, sendo ele o constituidor deste grupo chamado família. Portanto o doador de esperma passou a exercer papéis sociais que até então não lhe eram cobrados ou exigidos, mas a sociedade evoluiu passando a impor sobre o pai um papel mais participativo dentro do ambiente familiar.

Sabemos que em nossa sociedade paternidade é um conceito, construído dentro de uma ideologia de valores. Dentro desta construção social e psíquica surge a pergunta: O que é paternidade e qual a sua função? Sabe-se que na clínica psicanalítica a fala do analisando se remeterá em algum momento sobre a paternidade vivenciada em sua psique, olhando então por esse viés é sempre importante rever a importância desse tema, procurando construir novos saberes já que a nossa sociedade está sempre passando por alterações culturais e ideológicas, essas modificações aparecem na clínica como uma demanda do analisando em busca de compreensão.

As mudanças do papel social da mulher na sociedade e dentro do lar vêm mexendo com a masculinidade do homem, fazendo com que este repense seus papéis e sua posição dentro do seio familiar, entendendo que já não dá mais para ser um marido e pai das antigas onde o homem da casa exercia apenas a função de mantenedor e proliferador de sua espécie sem qualquer compromisso com a educação e formação psíquica dos filhos. Isso faz com que o homem passe a refletir sobre questões que até então não lhe passavam pela cabeça: o que é ser pai? O que é paternidade? Qual é realmente minha função diante da minha família, o quão importante eu sou para meus filhos? (PRADO e ABRÃO, 2015)

Olhando para estas questões que surgem a respeito deste novo espaço que o pai vem assumindo dentro família faz-se necessário um olhar para essa temática sobre paternidade e como o homem assume essa posição dentro do ambiente familiar no qual ele está inserido.

Quando o homem vem a se tornar pai? Quando a função paterna passa a ser exercida no ambiente familiar?

A discussão acerca deste tema nos remete a compressão da paternidade, o que é e qual a sua importância na formação da psique do analisando. Também permitirá que o analisando, no decorrer da análise, tome consciência da paternidade que aparece em seu discurso como um fantasma no seu inconsciente.

Para responder a essas questões e outras que surgirão no decorrer desta pesquisa, pretendo buscar embasamento dentro de autores psicanalistas, que abordam a relação que ocorre dentro do ambiente familiar e o resultado destas relações na psique dos filhos.

Este trabalho tem por objetivo compreender a paternidade e suas modificações culturais, dando ênfase na importância desta função no ambiente familiar para que esse papel social não seja desvalorizado pela sociedade. A proposta aqui apresentada busca compreender o conceito de paternidade, identificar a função da paternidade e identificar quais as contribuições do pai para o desenvolvimento psíquico dos filhos.

A metodologia utilizada neste trabalho é qualitativa de caráter bibliográfico, segundo Gil (1999, p. 50) pesquisa bibliográfica “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”

O presente trabalho tem o foco no tema paternidade, utilizando-se a abordagem Psicanalítica.

O trabalho aqui proposto iniciou-se com pesquisa bibliográfica em livros de Psicanálise, Psicologia Clínica e artigos científicos nos bancos de dados BDTD, BASE, Scielo e Pepsic. As palavras chaves utilizadas na pesquisa foram: paternidade, pai, função paterna, psicanálise. A pesquisa com diversos autores permitiu a fundamentação deste trabalho dando forma a um novo saber científico.

Nessa pesquisa, buscou-se a compreensão do conceito de paternidade, o que é ser pai, como o pai contribui para o desenvolvimento psíquico dos filhos e quais as modificações que vem ocorrendo na função paterna com o desenvolvimento da nossa cultura.

## **SOU PAI OU NÃO SOU EIS A QUESTÃO!**

Ao se olhar para o processo evolutivo da raça humana podemos perceber que as modificações culturais apontam que os papéis sociais do pai e da mãe vêm passando por grandes transformações, principalmente a questão da função paterna no seio familiar. Isso é observado pelo enfoque que outrora a mãe tinha na formação do psiquismo da criança que ocorre no processo de desenvolvimento e que hoje observa-se que o olhar já não é mais tão voltado para ela, pois o pai e sua função tem despertado nos pesquisadores questionamentos sobre a importância do seu papel na vida dos filhos e quais as suas contribuições no processo de desenvolvimento psíquico dos mesmos (GOMES; DEZAN; BARBIERI, 2014).

Segundo Prado e Abrão (2015), as transformações culturais que vem surgindo no seio familiar em relação ao homem como figura paterna tem como origem a revolução feminista, que colocando a mulher no mercado de trabalho tirou o homem da posição de único provedor da família, pois a mulher tornou-se provedora do lar também, fazendo com que os filhos já não estejam somente sobre os cuidados da mãe, mas do pai também, modificando assim o seu papel e conduta na sociedade. Isso fez com que o homem repensasse seu papel dentro

da família e em sua função como pai, compartilhando com sua esposa as tarefas domésticas, que eram apenas femininas.

De acordo com Prata (2012), na família existe uma rede de poder onde o pai é o representante da lei proporcionando a este o direito de governo sobre a família, já que este é tido como aquele que é o provedor do sustento da família e mantenedor dos papéis ocupados pela esposa e filhos, cabendo a estes uma posição de submissão.

Porém, Gomes e Resende (2004), apontam para o fato de que o pai não tem mais da família esta posição de submissão rígida, embora exista na percepção da sociedade uma ideia de que a família ainda está inserida no modelo tradicional. A realidade apontada pelos autores é que o pai já não pode permanecer em silêncio quanto a tudo que ocorre no desenvolvimento dos filhos, ficando apenas com o compromisso de provedor e daquele que faz valer as regras estabelecidas por ele, seu autoritarismo agora passa a ser substituído pelas novas funções que ele deve exercer como pai.

A nova figura paterna já não está mais ancorada no poder econômico do pai, pois a mãe também tornou-se uma provedora do lar dividindo esse espaço de provedor juntamente com o pai. Essa transformação força o pai a dividir a maternidade da mãe (GOMES e RESENDE, 2004).

As cobranças atuais da família vêm tirando o pai do padrão tradicional que a paternidade vivia de distanciamento afetivo, a afetividade do pai era pouco conhecida levando-o a novas experiências, onde o contato emocional e físico torna-se mais presente proporcionando que o modelo patriarcal seja desconstruído para que um novo modelo seja estabelecido (PRADO e ABRÃO, 2015).

## **CONCEITO DE PAI**

De acordo com o dicionário da língua portuguesa, paisignifica: “genitor; gerador” (FERNANDO e CARDOSO, 1999, p. 406). No dicionário teológico de na língua hebraica significa “nutridor, protetor, sustentador.” (VINE; UNGER; WHITE, 1985, p. 843).

Olhando para as definições do dicionário da língua portuguesa podemos definir pela palavra que pai é aquele que doa seu esperma no útero da mulher para que ela seja originadora de um filho, já o dicionário da língua hebraica apresenta o pai como aquele que assume a responsabilidade de nutrir, proteger e sustentar uma família.

Ao olhar alguns contextos históricos a respeito de ser pai e do assunto sobre paternidade a escritora e psicanalista Roudinesco apresenta alguns conceitos interessantes sobre essa temática, ela apresenta em seu livro a percepção que os romanos e cristãos tinham sobre esse tema e também como a Idade Média via esse papel e função do pai (ROUDINESCO, 2003).

Segundo Roudinesco (2003) na sociedade romana a questão biológica não é levada em consideração no assunto de paternidade, assumir essa posição na sociedade romana dava-se pela adoção do genitor ou de outro quando este se intitulava pai conduzindo a criança pela mão, esse papel era assumido pela fala do requerente publicamente.

Ainda segundo a mesma autora, o cristianismo entende a paternidade como um fator biológico com a função simbólica da mesma. O pai é aquele que através do casamento legitima seu filho pelo esperma, pelo seu sangue e com seu sobrenome, conferindo ao filho uma origem, uma identidade, um lugar na sociedade, a sensação de que pertence a uma família. (ROUDINESCO 2003).

Na Idade Média a paternidade é assumida de acordo com Roudinesco (2003) com a doação do sobrenome do pai juntamente com a semelhança deste filho ao seu progenitor, visando imortalizar o pai na semelhança do filho.

Ao ser observado todos os conceitos apresentados aqui sobre o processo histórico do que é ser pai e sobre a paternidade pode-se perceber que a nossa sociedade atual não difere muito do que era proposto nos séculos passados, tendo em vista que esse papel e função é tanto daquele que é doador do esperma como também o é quando assume essa posição através da adoção através de laços de afetividades.

Conforme diz Alberti:

...todo pai verdadeiro é um pai que assume adotar seu filho, independente de ser ou não o pai biológico. Assim, não se pode nunca atribuir a função paterna à mera paternidade genética, nem mesmo quando esta é atestada pelos mais sofisticados exames de laboratório (2010 pg. 18).

Parafrazeando o que diz Alberti podemos usar o dito popular que “pai não é o que faz mas o que cria” pois se não houver da parte do genitor um laço afetivo com seu filho, este nunca ocupará o papel e a função paterna do mesmo, no entanto aquele que não foi o doador do esperma pode vincular-se ao pequeno ser assumindo o papel e a função.

Diante do que tem sido apresentado até agora surge então a pergunta, quando surge a paternidade na vida do homem?

A paternidade surge na vida do homem no momento em que a mãe no seu discurso insere o genitor ou aquele que se propõe assumir tal função a palavra “tu és pai”, “você vai ser pai”, o pai é inserido nesta função pela palavra da mãe e a criança passa a definir seu pai, quem ele é, pelo discurso da mãe que aponta dentre os muitos homens aquele que lhe compete a função de pai.

De acordo com Prado e Abrão, “A função paterna só pode operar na medida em que o pai está instituído no discurso materno. A mãe é uma figura imprescindível para que o pai desempenhe a sua Função de maneira efetiva” (2015, p.110).

Portanto de acordo com os autores citados é a mãe que dá ao pai seu lugar e sua função, delegando a ele pelo seu discurso seu campo de atuação dentro do ambiente familiar, é a mãe que dá a autoridade e ao mesmo tempo a responsabilidade a este homem de assumir tal papel e função.

Gomes, Dezam e Barbieri (2014) apud Winnicott relatam em sua pesquisa que o pai é um fator importante desde o momento em que a mãe descobre sua gravidez, de acordo com os autores a presença do pai tem o seu valor antes mesmo do processo do complexo de Édipo, a presença do pai auxilia em todo o processo de desenvolvimento da criança, pois o pai serve de suporte para que a mãe possa centralizar-se nos cuidados para com o filho gerado, esse pai oferece a mãe o que Winnicott chama de “holding”, ele é um lugar de amparo, segurança onde a mãe passa a ter como alvo os cuidados para com o filho nos primeiros meses do recém-nascido.

Outro apontamento que os autores relatam em sua pesquisa é a importância que a função do pai tem com a mãe tirando-a do egocentrismo do filho e mostrando para a mesma que ela é mãe, mas antes de ser mãe também é esposa, essa ação do pai faz com que a mãe perceba que seu mundo não é a



criança e de que ela deve voltar para outras funções no qual ela exercia antes de ser mãe. Essa atitude do pai transmite a criança de que em seu mundo existe outro que não é a mamãe, um outro com cheiro e voz diferente que faz com que o objeto de amor e desejo da criança seja dividido, a partir deste momento em que a criança passa a perceber a existência do outro que não é a mamãe é que inicia-se a percepção de um concorrente, de uma figura de autoridade, que tem a atenção da mãe da mesma forma que ele possuía, pode-se dizer que a relação paterna inicia-se a partir desta ação do pai reivindicando a mãe como esposa e entrando no cenário como o esposo da mãe (GOMES, DEZAN e BARBIERI, 2014).

Segundo Gomes, Dezam e Barbieri (2014) a percepção da existência do pai se dá para criança quando ela percebe que a mãe já não age com ela com a mesma amabilidade que a tratava antes, o mesmo percebe uma mãe mais firme e inflexível diante dos seus desejos, segundo os autores, para a criança a mãe se duplica, passa a existir uma mãe de voz suave e uma mãe de voz firme cuja relação vai dando forma a figura do pai até então desconhecido.

Dentro do conceito psicanalítico a construção do conceito de pai principia pela fala que a mãe dá a respeito deste pai, sendo ele ausente ou presente ele existe porque a mãe faz referência a ele, a criança constrói dentro de si uma imagem paterna de acordo com a fala da mãe e não de acordo com a realidade deste pai, o mundo interno da criança o mundo imaginário dela cria uma representação deste homem que lhe é dado o nome de pai e é nesta construção imaginária que a criança passa a ter uma relação de filho com o ser apresentado pela mãe denominado pai (GOMES, DEZAN e BARBIERI, 2014).

Belo, Guimarães e Fidelis (2015) pontuam três funções fundamentais da paternidade no relacionamento mãe-bebê para que nesta relação haja um desenvolvimento saudável da criança. Segundo os autores, a relação sexual e afetividade do marido proporcionam a mãe um bem estar em seu corpo permitindo a mesma descarregar todas as tensões do seu corpo, diminuindo o estresse existente na relação mãe-bebê.

Estes autores relatam que o segundo papel do pai na relação mãe-bebê seria amparar e dar apoio à mãe quando esta diz não para o filho em determinadas situações de birra e exigências da criança que não podem ser

satisfeitas no momento desejado pela criança, o pai sustenta esse limite imposto pela mãe, essa atuação paterna possibilita a mãe manter sua afetividade pela criança visto que o pai divide com ela o exercício da lei e da educação do filho.

Ainda segundo Belo, Guimarães e Fidelis (2015), a terceira característica da função paterna na relação mãe-bebê se dá pela presença do pai no ambiente, essa presença faz com que a criança saia da simbiose construída entre ela e sua mãe permitindo a ela a compreensão de que o amor da mãe por ela é dividido com outro, a presença do pai no ambiente desta criança faz com que a mesma aprenda a criar novas relações construindo assim em seu psiquismo a percepção de que ela não é a mamãe e também não é o pai, dando início então a construção do seu eu.

Dentre as muitas funções que um pai tem na relação familiar Belo, Guimarães e Fidelis (2015) apontam que enquanto a mãe constrói na sua relação com o filho as características psíquicas, essas características dizem respeito ao mundo de valores interno que a criança constrói a respeito dela mesma. O pai na sua relação com o filho construirá a relação deste com o próximo e a importância que este tem no seu círculo social. Segundo os autores a autoestima que vem de fora, o senso de valor que o outro oferece está estritamente ligado à relação com o pai, pois este é o primeiro outro que existe na vida da criança que passa a se relacionar com ele, a relação com o pai será a pedra angular ou em outras palavras o alicerce no qual a criança construirá sua relação na sociedade e com o mundo.

Gomes e Resende (2004) confirmam o que Belo, Guimarães e Fidelis (2015) atestam em seu trabalho a respeito do envolvimento social do filho com o próximo, tendo como base a fragilidade da relação com pai, segundo os autores, as dificuldades que os homens têm de construir laços afetivos dentro do lar, o distanciamento do pai com os filhos é decorrente, principalmente, do relacionamento deste filho com seu pai.

Ao pegarmos essa fala de Gomes e Resende (2004) pode-se dizer que o pai que é presente, mas é ausente emocionalmente gerará filhos que serão pais presentes no cuidado, na provisão, mas psiquicamente distantes no afeto produzindo uma geração desamparada emocionalmente, ou teremos pais extremamente afetuosos e protetores, construindo uma geração de filhos

despreparados para enfrentarem as adversidades da vida por terem sido superprotegidos. Seja qual for o resultado, isso é decorrente da relação social que foi introduzida pelo pai (ou daquele que exerce essa função).

Segundo os autores acima citados, quando o homem torna-se pai ele dará significado a sua paternidade de acordo com os sentimentos vividos como filho na relação com seu pai remodelando essa relação com seu filho, ressignificando sua experiência, esse novo significado de paternidade é resultado da projeção deste filho-pai em seu próprio filho, ou seja este pai se vê como pai e ao mesmo tempo coloca-se no lugar do filho por ter vivido experiências similares construindo uma nova paternidade (GOMES; RESENDE, 2004).

## **AUSÊNCIA PATERNA E SUAS MANIFESTAÇÕES PSÍQUICAS**

A biologia nos ensina que um organismo carente ou com excesso de vitaminas pode prejudicar a saúde do indivíduo, busca-se dentro deste conceito o equilíbrio para um viver saudável. E quanto à psique do homem, será que a ausência de afetos nos relacionamentos podem gerar um desequilíbrio ou até mesmo um distúrbio emocional, da mesma forma que a ausência de vitamina C deixa o sujeito vulnerável a gripe?

É certo que dentre os muitos estudos realizados para compreender os complexos e os traumas psíquicos dos seres humanos, fica evidente que uma família disfuncional tenderá a produzir filhos disfuncionais. É na relação familiar que se constrói a saúde física e psíquica dos filhos e é na deficiência dos relacionamentos que as neuroses, psicoses surgirão.

Olhando para esta realidade surge a pergunta: Quais os sintomas psíquicos e comportamentais decorrentes da ausência da função paterna?

Segundo os autores já citados neste trabalho entendemos que a função paterna é a manifestação do outro para a criança e a instauração da Lei ou seja dos limites impostos por aquele que exerce essa função, de acordo com Prado e Abraão (2015) quando o pai (ou aquele que exerce esse papel no lar) deixa de exercer essa função, os filhos manterão relações sociais fragilizadas, marcadas por rompimentos constantes por não conseguir manter vínculos bem estabelecidos pelo fato de que o outro tem vontade própria, a intolerância para

com o seu semelhante, de acordo com os autores citados, é decorrente da falha da função paterna.

Como já foi citado neste trabalho o pai é o primeiro outro na vida da criança, é a presença e a função deste que rompe a simbiose do filho (a) com a mãe, portanto este é o seu primeiro relacionamento social visto que a mãe para a criança até uma certa idade é uma só pessoa com ele. O pai é a representação do outro, que vai gerar um comportamento na criança de entender que além da suas vontades e desejos, existe um outro que a frustra por desejar a mesma pessoa (mãe), nesta relação triangular a criança cresce entendendo que o objeto de seu desejo não é só seu, mas é compartilhado, desenvolvendo a percepção de que o mundo não gira em torno somente dela e que ela terá que lidar com isso se socializando com aqueles que estão a sua volta aprendendo a dividir o que lhe é prazeroso e até mesmo abrir mão deste prazer.

Segundo Prado; Abraão:

Conforme demonstrado com esta temática, o pai se faz importante na medida em que é o responsável por instaurar a Lei e inserir o indivíduo na cultura e na sociedade, de modo que a falha, ou um desempenho ineficaz de sua Função Simbólica, comprometerá de forma significativa, a noção de alteridade, além de colaborar com a fragilização do pacto social. (2015 p. 107)

Quando surge na sociedade comportamentos onde o sujeito age de maneira que o desejo do outro não existe, ou quando o sujeito se apodera do que outro tem sem leva-lo em consideração, tais comportamentos possivelmente são decorrentes da falha da função paterna que não foi exercida na instituição da lei ou dos limites imposto pelo pai.

Segundo Gomes; Dezam; Barbieri (2014) e Damiani; Colossi (2015) quando existe no ambiente familiar alguém que exerça a função paterna, os filhos tenderão a desenvolver em sua personalidade características de autoconfiança, independência e flexibilidade nos relacionamentos sociais a ausência desta função tenderá a gerar na personalidade dos filhos vários transtornos psicológicos como baixa estima, desamparo, sensação de inadequação.

Segundo os autores citados acima a ausência da função paterna no ambiente familiar cria na construção psíquica da personalidade dos filhos a dificuldade de se expressar com criatividade e inibe a espontaneidade dos mesmos, gerando dois tipos de sujeitos, os retraídos e os hostis, os retraídos

tendem a fugir e a não encarar o mundo social de forma positiva enquanto os hostis tenderão a coagir, hostilizar seus relacionamentos sociais.

Em sua pesquisa Benczik (2011) pontuou que a ausência da função paterna gera nos filhos um vazio existencial, autodesvalorização, sentimentos de culpa por achar que o pai não a ama por ser ela originadora de conflitos ou até mesmo ser ela o motivo da separação dos pais (divorcio ou abandono do lar), as percepções dos filhos quanto a falta de relacionamento com a figura paterna é geradora de ideias distorcidas ocasionando sentimentos perturbadores na psique dos mesmos possibilitando um baixo desempenho escolar, depressão, delinquência.

Conforme a autora citada acima, os filhos que desfrutam de uma relação paterna saudável tendem a ser mais empreendedoras, definem melhor suas escolhas profissionais e transmitem mais segurança no processo de aprendizagem principalmente nos estudos.

Na relação heterossexual é sabido que os pais são modelos sociais quanto a questão de gênero e sexualidade nos filhos, dentro das pesquisas realizadas ficou claro que o pai tem um papel fundamental neste processo principalmente na vida do filho.

#### Segundo Aberastury e Salas (1985)

Ser homem ou mulher, ainda que surja de uma condição biológica, pode desenvolver-se normalmente, distorcer-se ou parar, de acordo com os estímulos familiares e sociais que a criança acha em sua vida. Neste sentido o papel paterno, ao oferecer uma fonte de identificação masculina é tão importante como o da mãe ao oferecer uma identificação feminina. Os dois necessitam estar bem diferenciados frente a cada filho, ainda que a presença conjunta de ambos e suas funções sejam decisivas também para o sucesso da identidade genital. (p. 85)

A palavra identificação é de grande relevância neste contexto, já que para o menino é o pai seu semelhante no contexto familiar já que a mãe lhe é seu objeto de desejo, de acordo com os autores psicanalistas supracitados, é na fase do complexo de Édipo que o menino imita o pai para conquistar a mãe. Nesta relação de identificação é que vai surgindo o conceito de masculinidade no filho, o pai torna-se seu ideal e modelo (desde que a relação seja saudável), a ausência de laços afetivos e da função paterna neste processo pode levar o menino a escolher outro modelo que não seja o pai.

#### De acordo com Borges (2005)

Recordo-me do caso de uma criança de cinco anos que começa a imitar a mãe em sua maneira de vestir e falar. O pai é alguém alheio às manifestações da criança, não se disponibiliza como modelo, nem tão pouco estabelece contatos afetuosos com o filho através de carinhos e brincadeiras. O modelo extremamente presente é o da mãe que tenta tudo ensinar, tudo prover. Desta forma, a criança busca investir-se da mãe através do vestir-se e do falar de forma idêntica à dela. (p. 49-50)

Ao observar o relato acima descrito fica evidente que a constituição genital não é a originadora de comportamentos masculinos ou femininos, mas que a relação com seu igual é que vai dando forma no falar, andar e vestir, o modelo mais presente na vida dos filhos será copiado e introjetado na psique dos mesmos.

#### Segundo Freud (1920-1923)

A gênese da homossexualidade masculina é, em grande parte dos casos, a seguinte. O jovem esteve fixado de modo excepcionalmente longo e intenso em sua mãe, no sentido do complexo de Édipo. Mas por fim, após a puberdade, chega o tempo de trocar a mãe por um outro objeto sexual. Então, repentinamente, algo sucede; ele não abandona sua mãe, mas se identifica com ela, transforma-se nela e procura objetos que possam substituir o seu Eu, que ele possa amar e cuidar assim como havia aprendido com a mãe. (p. 65-66)

Podemos observar que quando o pai não rompe a simbiose do filho com a mãe permitindo que este filho tenha uma relação afetiva com o seu igual (relação homossexual afetiva) neste caso o pai (tio, avô, irmão) o filho tenderá a ter essa relação erotizada na adolescência e conseqüentemente por toda sua vida adulta.

Segundo Fenichel (1981) “mais tendem a tomar-se homossexuais aqueles homens que hajam tido pai “fraco” ou que pai algum hajam tido” (p. 314). Por pai fraco pode-se deduzir o homem que não tem voz ativa cuja mulher fálica está sempre castrando a autoridade deste homem, neste caso o exemplo de masculinidade está na mulher e não no homem fazendo com que o filho se identifique com a mãe e não com o pai.

Fenichel (1981) relata que “A maior parte dos homossexuais não só apresenta amor edipiano pela mãe, tal qual os indivíduos neuróticos, mas também, em sua quase totalidade, a intensidade da fixação materna é ainda mais acentuada” (p. 309).

Em discussões em sala de aula a respeito deste assunto ficou muito evidente que na maioria dos casos atendidos na clínica evidenciou-se o distanciamento do pai desde a infância na vida do filho e que a mãe mostra-se

superprotetora, controladora revelando que a simbiose entre mãe e filho não foi desfeita.

Até o presente momento deste trabalho elucidamos sobre a ausência da função paterna na vida do filho homem, será abordada agora a importância da função paterna na vida da filha e de forma sucinta esclarecer a influência desta função no psiquismo da mulher.

Como já foi citado neste trabalho o pai é o OUTRO na vida dos filhos que tem a função de estabelecer a Lei (limites) e romper com a simbiose que existe entre filho (a) apresentando-se como aquele que não é a mãe estabelecendo, a partir daí, um modelo de relacionamento que surgirá com outras pessoas que aparecerem na vida da criança. Além do pai ser o modelo de socialização ele também será o protótipo afetivo dos relacionamentos amorosos da filha visto ser ele o primeiro homem de sua vida.

A Folha de São Paulo publicou em seu jornal o relato de uma pesquisa feita na Inglaterra sobre o tipo de homem que as mulheres buscam para ser seus parceiros afetivos e o resultado da pesquisa confirmou o que Freud já dizia a respeito dos relacionamentos afetivos, as mulheres procuram homens que tenham traços similares do seu pai, segundo a pesquisa utilizada esses traços são: “nariz, olhos e queixos” (MENA, 2007)

A psicanalista Aberastury (1985) em seus escritos relata que a menina “escolherá seu marido de acordo com as características paternas e estará disposta a reconhecer sua autoridade” (p. 23). Podemos utilizar este conhecimento para entendermos como se dá o desenvolvimento afetivo das mulheres em relação aos homens de sua vida amorosa, segundo a autora, não é somente o reconhecer o pai no homem de sua vida mas colocar-se sobre sua autoridade, submeter-se a esse homem nesta relação.

Quando nos deparamos com relatos de mulheres que são maltratadas por homens e se submetem a esse tipo de tratamento, essa submissão pode estar relacionada a relação paterna que pode ter sido extremamente agressiva ou totalmente distante gerando um vazio de afeto masculino fazendo com que essa carência gere uma dependência emocional nos homens a ponto de se submeterem a qualquer coisa para terem afeto masculino.

De acordo com Lima (2012):

Em muitos casos, os parceiros amorosos exercem abuso de poder, justamente por perceberem o estado de subserviência e dependência da mulher. Como todo relacionamento afetivo ocorre dentro de uma dinâmica em que há responsabilidade de todos os envolvidos, muitas vezes a própria mulher contribui para esse abuso, quando, numa postura de submissão e carência, torna-se “pegajosa”, dependente e acaba por incitar no parceiro atitudes de domínio, afastamento, negligência, opressão e desrespeito. Essa dinâmica (mulher indefesa e carente e homem dominador e negligente) reedita a história da menina abandonada pela figura paterna. (p. 822)

O que é percebido de acordo com o autor acima citado é que num corpo de mulher, existe uma criança interna que é incapaz de reagir, procurando através da sua submissão receber o amor do pai que foi projetado no seu parceiro, a filha busca reeditar sua relação paterna no relacionamento amoroso, provocando no parceiro o mesmo comportamento que o pai tinha para com ela.

Segundo Lima (2012):

... as mulheres que vivenciam a experiência de terem sido abandonadas pela figura paterna muitas vezes se engajam em relacionamentos amorosos que parecem ter a função de preencher as lacunas afetivas deixadas pelos pais ausentes. Desse modo, as mulheres parecem depositar nos parceiros amorosos todas as frustrações e expectativas de resgate do abandono imposto pela figura paterna na infância. (p. 822)

Conforme já foi pontuado neste trabalho assim como o corpo diante de uma carência de vitaminas faz com que ele funcione de forma inapropriada e também manifesta certas doenças, assim a psique do indivíduo manifesta comportamentos patológicos diante da carência de afetos e de um relacionamento saudável com os pais.

Segundo Forward e Torres (1991) em seu livro “HOMENS QUE ODEIAM SUAS MULHERES & MULHERES QUE OS AMAM” falando sobre misoginia, relatam que a relação com um pai agressivo tenderá a mulher a relacionar-se com um homem agressivo, por ser esse o ambiente no qual ela está acostumada. As autoras também relatam que as filhas tendem a submeter-se a seus maridos como a mãe submetia-se ao pai e que os filhos de homens misóginos tendem a reproduzirem o mesmo comportamento do pai.

Entre os muitos comportamentos causados pela ausência paterna geradores de relacionamentos patológicos, Fenichel (1981) relata que, alguns casos de homossexualidade feminina são decorrentes da atitude do pai no seu relacionamento com sua filha.

O autor acima citado relata um caso em que o pai usava a mão da filha para se masturbar, essa relação incestuosa do pai para com a filha gerou nela um



medo terrível em sua adolescência de ser penetrada por um pênis, ocasionando nela a busca por relações com homens impotentes e depois com mulheres, pois ambos não poderiam agredir sua vagina, feri-la e nem machucá-la.

Segundo Fenichel (1981)

É frequente as moças pensarem que não são amadas pelo pai porque são mulheres; e pensarem que seriam amadas se fossem rapazes. ... mulheres homossexuais ativas que depois de se terem identificado com o pai, escolhem para objetos amorosos moças que representam, idealmente, a sua própria pessoa; comportam-se, então, com estas moças como desejariam ter sido tratadas pelo pai. (p. 317)

Podemos observar o quão importante é para as mulheres uma relação saudável com o pai, pois a frustração nesta relação produz uma crise de identidade, ocasionando neste caso até mesmo uma mudança no comportamento sexual para que possa satisfazer o desejo de seu genitor e também suprir as carências afetivas do mesmo.

## **PATERNIDADE UMA DEMANDA DO ANALISANDO NA CLÍNICA**

Dentre as muitas demandas que aparecem na clínica, o tema família é o mais presente, a ausência de afeto, companheirismo, relacionamentos superficiais que trouxeram vazios existenciais, a sensação de desamparo psíquico decorrente da falta de relacionamento saudável com um dos pais tem prejudicado tanto a vida de algumas pessoas, que em muitos casos para se ter uma vida de relacionamentos saudáveis se faz necessário o auxílio do terapeuta.

Na relação terapêutica o analisando não apenas traz em sua fala as queixas de como foi angustiante sua infância como também revive essas angústias na relação com o terapeuta.

Dentre os muitos conceitos que formulam a teoria psicanalítica, quero destacar neste trabalho os fenômenos chamados regressão, transferência e a neurose de repetição. O motivo por destacar esses fenômenos é que, através deles o analisando traz para o ambiente terapêutico o reviver de suas experiências psíquicas primárias.

Segundo Menninger e Holzman (1982) o fenômeno chamado regressão é visto no ambiente terapêutico quando o analisando começa a falar, agir com seu analista como se ele fosse uma criança, de acordo com o autor o cliente volta a

ser emocionalmente como a criança que foi um dia, manhoso, agressivo, dependente, birrento.

Menningere Holzman(1982) em seu livro Teoria e Técnica Psicanalítica em nota de rodapé diz que:

O Dr. Earl Bond, numa conferência proferida na MenningerSchoolofPsychiatry, em março de 1957, descreveu uma paciente vitimada por uma grave doença mental de longa duração, no decurso da qual expressou abertamente muitos desejos sexuais. Um dia, o seu médico, tomado de ânimo experimental, ergueu-a e tomou-a em seus braços, enfiando o bico de uma mamadeira entre seus lábios. Ela bebeu o leite sofregamente, expressando grande satisfação. “Isto” — disse ela — “foi o que eu sempre quis, este amor não-sexual.” Esse episódio assinalou o início de uma rápida recuperação.

Esse relato do autor demonstra o quanto um analisando pode regredir numa sessão terapêutica, isso mostra o quanto o analista precisa estar atento a manifestação de uma criança interna na fala do seu analisando, em muitos casos é possível que o cliente em suas murmurações e queixas estejam manifestando não o homem ou a mulher que ele se tornou, mas a criança que não cresceu, sua queixa é a manifestação da criança interna que busca o aconchego de um pai (mãe) que desejou ter e não teve.

A regressão no ambiente analítico conduz a relação terapêutica a outro fenômeno psíquico chamado transferência. Segundo Freud (1912) toda pessoa que não foi satisfeita em suas necessidades amorosas tenderá a ter expectativas amorosas com outras pessoas na tentativa de suprir tal necessidade, a esse fenômeno psíquico Freud chama de transferência.

Na relação terapêutica o analisando através deste mecanismo psíquico coloca o seu terapeuta no lugar do pai, da mãe do irmão, daquele cuja relação foi boa ou ruim, o analisando neste processo de transferência projetará no seu analista de forma inconsciente ou pré-consciente os sentimentos que ele tem em relação a pessoa do pai, mãe ou do agressor.

Segundo Garma (1984):

Já desde o início de seu tratamento e depois, intensificando-se no transcurso das sessões, na mente inconsciente do enfermo, as imagens psíquicas de seu psicanalista se conectam com outras provenientes de suas vivências anteriores, sobretudo das infantis. Para o enfermo, o psicanalista se converte inconscientemente em uma nova edição de seus pais na época de sua infância ou então de outras pessoas que foram importantes no desenvolvimento de sua personalidade. (p. 342)

A manifestação deste fenômeno na clínica é percebida, por exemplo, quando o cliente chama seu terapeuta de pai (mãe, ou o nome de alguém do seu ambiente social), a expressão “falou igual meu pai” ou “tá falando como minha mãe”, etc, revela para o analista que lugar o cliente o colocou na sua vida psíquica.

A observação do analista ante o discurso do analisando não apenas o remete a perceber os fenômenos de regressão e transferência mas permite que o terapeuta perceba outro tipo de fenômeno no comportamento do analisando, chamado neurose de repetição.

O paciente busca através destas repetições solucionar de forma inconsciente as falhas que houveram em suas relações afetivas na infância ou reviver a dor do trauma.

Freud (1914) em seu texto sobre a repetição diz que “o analisando não diz que se lembra de haver sido teimoso e rebelde ante a autoridade dos pais, mas se comporta de tal maneira diante do médico” (p.163).

Percebe-se que de acordo com o texto supracitado, escrito por Freud, o comportamento de repetir diante de uma pessoa em autoridade para o sujeito pode vir a ser o mesmo que em sua infância o analisando teve com as figuras paternas.

A repetição é vista na clínica quando o analisando comete os mesmos erros repetidas vezes sem perceber que o erro se repete, pode-se usar como exemplo a mulher que está sempre envolvida com o mesmo estilo de homem e cujo relacionamento sempre termina pelos mesmos motivos, é o sujeito que não permanece no serviço e cuja a culpa é sempre do patrão, pois o mesmo não percebe que as discussões entre empregado e patrão são as mesmas que o sujeito vivia com seu pai.

De acordo com Nasio( 2014) “A repetição patológica é o retorno compulsivo de um passado traumático que explode no presente de um sintoma ou de uma ação impulsiva” (p.45).

O que fica claro dentro deste conceito é que a repetição quando patológica ela é compulsiva, o sujeito não consegue deixar de repetir os mesmos comportamentos, não consegue deixar de se atrair pela mulher manipuladora ou fria, o ambiente de paz o força a criar alguma intriga ou discussão, etc.

Na clínica psicanalítica possibilitamos ao cliente através da livre associação e da interpretação o recordar, repetir e elaborar questões na vida do mesmo que têm produzido um comportamento patológico possibilitando-o a reescrever de forma saudável um novo roteiro para sua história.

Freud (1914) propõe que o analista:

...se dispõe para uma luta contínua com o paciente, a fim de manter no âmbito psíquico todos os impulsos que este gostaria de dirigir para o âmbito motor, e comemora como um triunfo da terapia o fato de conseguir, mediante o trabalho da recordação, dar solução a algo que o paciente gostaria de descarregar através de uma ação. (p. 204)

A proposta de Freud quanto a função do psicanalista no ambiente da análise é que através das interpretações o analista consiga trazer no ambiente terapêutico as repetições ou atuações do analisando, para que este possa, neste momento, reviver com seu terapeuta essas demandas emocionais e elaborá-las, para que não as ponha em ação, em atos, no ambiente externo do consultório a demanda patológica que tem sido geradora de problemas sociais para o analisando.

O triunfo do terapeuta está em vivenciar as atuações de seu paciente na clínica ajudando-o a recordar o motivo pelo qual mantém tal comportamento, elaborar tal recordação possibilitando assim que o mesmo abandone essas repetições.

O objetivo da análise é fazer com que os conflitos psíquicos sejam vividos no ambiente terapêutico para que o saudável seja vivido no ambiente social.

Ao olharmos para as manifestações destes fenômenos aqui descrito podemos perceber que o ambiente terapêutico possibilita que as demandas do analisando relacionadas aos conflitos da ausência da função paterna sejam vivenciadas e elaboradas, permitindo assim que este desamparo, este vazio no psiquismo do analisando, seja elaborado na relação terapêutica.

## **O PROCESSO ANALÍTICO**

Para se alcançar mudanças, na perspectiva da Psicanálise, é necessário que haja uma profunda tomada de consciência por parte do analisando, o que permitirá que as relações objetais internas do paciente sejam transformadas permitindo que o analisando dê novo significado às relações objetais internas,

como consequência, suas relações com o mundo externo tornar-se-ão mais saudáveis (Zimerman, 2004).

As transformações que surgirão no analisando são decorrentes do dialogo existente na análise, onde o analisando é convocado, através da livre associação, a falar tudo que lhe vem à mente, sem medo de ser julgado, criticado ou condenado pelo que sente ou pensa (Freud, 1913).

Diante do discurso do analisando o analista devolve esse discurso ao analisando de forma interpretativa permitindo que este reflita sobre seu discurso, essa devolutiva permite que o analisando perceba seus desejos inconscientes, suas ideias por trás de cada fala, os verdadeiros motivos por detrás dos seus comportamentos.

Segundo Zimerman (2004 p. 45):

...a técnica analítica dos nossos dias dá uma grande importância ao que se está denominando “atividade interpretativa”, a qual designa uma liberdade para o terapeuta intervir com maior frequência toda vez que ele julgar ser útil fazer um “clareamento” daquilo que esteja ambíguo no relato do paciente; um “confronto”, por exemplo, entre o que o paciente diz e desdiz, entre o que diz e faz; um assinalamento de atos falhos, lapsos, contradições, paradoxos, dentre outros, e, sobretudo, o uso de “perguntas”, não as unicamente voltadas à coleta de dados nem, tampouco, aquelas que guardam uma natureza inquisitória, mas, sim, perguntas instigantes, que possibilitem o levantamento de “novos vértices” de percepção e reflexão de um mesmo suceder psíquico.

De acordo com o autor acima citado é através do discurso do analisando que o analista vai pontuando, “confrontando”, indagando, mostrando ao analisando quais as ideias contraditórias e como sua percepção a respeito de um fato pode estar distorcida, enganando-o, ao agir desta forma o analista permite que o analisando comece a reescrever um novo discurso, um novo comportamento.

Zimerman (2004) relata que o ser humano é constituído por um grupo interno, onde personagens da história deste indivíduo atuam de forma dinâmica em seu interior, esse grupo são as imagens introjetadas dos pais, avós, professores, pessoas que no processo de desenvolvimento deste indivíduo destacaram-se como importantes. É por causa destas relações que o sujeito construiu sua personalidade e de onde também originaram-se os conflitos psíquicos deste indivíduo.

De acordo com o mesmo autor, o processo analítico permite que através do discurso do analisando e das interpretações do analista, essas pessoas introjetadas (pais, avós, professores, etc.) venham a desocupar esses lugares geradores de conflitos

...refiro-me às concepções de “representações, identificações patógenas e significações”, seguidas da tarefa analítica de, respectivamente, serem transformadas, em um primeiro momento, em uma desocupação (“desrepresentações”; “desidentificações” e “dessignificações”) do enorme espaço que, de forma patogênica, ocupam no psiquismo do paciente; como um segundo passo, que esse espaço, agora já liberado, seja ocupado por “neo-representações”, “neo-identificações” e “neo-significações”. (ZIMERMAN, 2004, p. 46)

Segundo o autor, o lugar desocupado permite que novas representações, identificações e significados sejam dados a esses personagens internos, permitindo assim que o processo da análise alcance transformações na vida do analisando, a percepção deste não será mais de uma criança ferida desamparada, impotente, mas será de um adulto que consegue dar um novo significado a sua dor não sendo mais cativo dela.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo mostrou sua importância tendo em vista que o assunto sobre paternidade e função paterna é pouco trabalhado em artigos científicos, pois o foco dos estudos está mais na mãe que é a genitora.

A ausência de estudos aprofundados sobre a temática se dá pelo fato de que o pai sempre mostrou-se oculto em suas relações com seus filhos, assumindo apenas a conduta de provedor do lar, tal comportamento se dá por causa do patriarcado que durante muitas gerações tem sido passado para os filhos a ideia de que a função do pai é de provedor e da mãe de nutridora, cuidadora e educadora dos filhos.

Mas é visto que os papéis sociais até então impostos por uma cultura patriarcal vem tomando um novo rumo por causa da introdução da mulher no mercado de trabalho possibilitando a esta ser uma provedora do lar tanto quanto o homem um dia foi.

Essa nova atuação da mulher dentro do lar faz com que o homem torne-se participante da educação dos filhos, assumindo um papel de pai educador, nutridor e participante da história de seus filhos.

As pesquisas feitas para a construção deste artigo mostraram que a mãe tem sua importância sim no desenvolvimento psíquico dos filhos, mas também mostra que o pai tem o mesmo grau de importância, pois toda vida social destes filhos se baseará na relação com este OUTRO que não é a mãe.

A literatura utilizada para a construção deste texto, revelou a importância deste pai que fecunda a mãe, que deve estar presente para ser suporte diante das mudanças físicas e psicológicas desta genitora no processo de gravidez e depois do nascimento da criança, no qual ele deve auxiliar permitindo que nesse processo ele acolha em seus braços toda ação desencadeadora de estresse que esse novo ser proporciona para essa mãe diante dos choros, das cólicas e de tudo o mais que sucede no processo de desenvolvimento desta criança, permitindo que essa mãe tenha energia psíquica para oferecer o amor necessário para a construção de uma personalidade saudável desta criança.

Os estudos mostraram que é a mãe que revela ao filho quem é o papai, é o discurso da mãe que vai construindo na psique dos filhos quem é este OUTRO que não é a mamãe, e é através deste discurso que o pai vai tomando forma nesta relação familiar permitindo que ele assuma este lugar no seio familiar.

O outro chamado papai (ou aquele que faz essa função) é o primeiro a construir uma relação social com esta criança e através desta relação é que os filhos basearão sua relação com aqueles que não fazem parte da família, a sociedade e a cultura passa por transformações decorrentes desta relação pai e filho.

A delinquência, alguns casos de homossexualidade masculina e feminina, misoginia, dependências emocionais, repetição de comportamentos patológicos podem ser decorrentes da ausência paterna ou da função paterna.

A clínica psicanalítica possibilita que o analista assuma essa função através do processo de transferência do analisando, pois este no processo de análise colocará o analista no lugar do pai e vivenciará na análise essa relação que faltou editando novamente sua história, lidando com seu desamparo psíquico denominado ausência de relacionamentos afetivos paternos.

Há muito a ser construído sobre essa temática, tendo em vista que os papéis familiares estão em processo de mudanças, a produção de novas pesquisas nesta área possibilitará, tanto na clínica como na vida acadêmica, a conscientização da importância desta temática possibilitando a compreensão e a relevância do papel do pai e do lugar que ele ocupa na família.

## REFERÊNCIAS

GOMES Fernanda Kimie Tavares Mishima; DEZAN StéfaniZanovello; BARBIERI Valéria. **“Não pode!”: A função Paterna e a Obesidade Infantil.** Psico, Porto Alegre, PUCRS, v. 45, n. 2, pp. 176-186, abr.-jun. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/13307>.

Acesso em 08/08 / 2016.

PRADO Juliana; ABRÃO Jorge. **Paternidade: um estudo psicanalítico sobre pesquisas desenvolvidas no contexto brasileiro.** Revista Brasileira de Psicologia, 02 (01), Salvador, Bahia, 2015. Disponível em: <http://revpsi.org/wp-content/uploads/2015/04/Prado-Abrão-2015-Paternidade-um-estudo-psicanalítico-sobre-pesquisas-desenvolvidas-no-contexto-brasileiro.pdf>.

Acesso em 08/08 / 2016.

PRATA, Maria Regina dos Santos. **Os processos subjetivos e os jogos de verdade da psicanálise frente à transformação do lugar do pai.** Ágora (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 217-232, Dec. 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982012000200001)

14982012000200001 Acesso em 08/08 / 2016.



ALBERTI, Sonia. **O adolescente e o Outro**. – 3.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo : Editora Atlas, 2008 p. 50.

FERNANDO. J; CARDOSO Maria Cury. **Minidicionário Escolar da Língua Portuguesa: Completo – Atual – Prático**. Ícone Editora LTDA. São Paulo 1999.

VINE. W. E.; UNGER. Merril F.; JR. William White. **Dicionário Vine: O Significado Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento**. 4º Ed. CPAD. RJ. 2004

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

BELO Fábio Roberto Rodrigues; GUIMARÃES Marcela Rêda; FIDELISKaio Adriano Batista. **Pode um Pai Ser Cuidadoso? Crítica à Teoria da Paternidade em Winnicott**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 20, n. 2, p.153-164, maio./jun. 2015  
Disponível em:[http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/24274/pdf\\_31](http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/24274/pdf_31)  
Acesso em 08/08 / 2016.

GOMES Aguinaldo José da Silva; RESENDE Vera da Rocha Resende. **O Pai Presente: O Desvelar da Paternidade em Uma Família Contemporânea**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Mai-Ago 2004, Vol. 20 n. 2, pp. 119-125. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a04v20n2.pdf>> Acesso em 08/08 / 2016.

DAMIANI, Camila Ceron; COLOSSI, Patrícia Manozzo. **A ausência física e afetiva do pai na percepção dos filhos adultos**. Pensando fam.,Porto Alegre , v. 19, n. 2, p.86-101, dez. 2015. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2015000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200008)  
Acessos em 14/ 01/ 2017.

BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. **A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil**. Rev. psicopedag., São Paulo , v. 28, n. 85, p. 67-75,

2011 . Disponível em <  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862011000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000100007&lng=pt&nrm=iso) >. acessos em 06 jul. 2017.

ABERASTURY, Arminda e SALA, Eduardo J. **A paternidade no enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

BORGES, Maria Luíza Soares Ferreira. **Função materna e função paterna, suas vivências na atualidade**. Uberlândia 205. Disponível em: [http://www.webposgrad.propp.ufu.br/ppg/producao\\_anexos/014\\_Maria%20Luiza%20Soares%20Ferreira%20Borges.pdf](http://www.webposgrad.propp.ufu.br/ppg/producao_anexos/014_Maria%20Luiza%20Soares%20Ferreira%20Borges.pdf) Acesso em 05/11 / 2016.

FREUD, S. **Psicologia das Massas e Análise do Eu** (1920-1923). Freud obras completas volume 15. São Paulo. Editora Cia. das Letras, 2010.

FENICHEL, Otto. **Teoria psicanalítica das neuroses**. Livraria Atheneu — Rio de Janeiro — S. Paulo — 1981

MENA, Isabela. **Mulher busca parceiro igual ao pai, aponta estudo inglês**. Folha de SÃO PAULO 25/06/2007 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2506200719.htm> Acesso em 20/06/2017.

LIMA, Antonio Paulo Pinheiro. **Mulheres e o abandono da figura paterna: considerações teórico-clínicas a partir da psicologia analítica**. Estud. psicol. (Campinas), Campinas , v. 29, supl. 1, p. 821-830, Dec. 2012 . Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2012000500018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2012000500018) >. Acesso em 010/07 / 2017.

FORWARD, Susan e TORRES, Joan. **Homens que odeiam suas mulheres & Mulheres que os amam**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

MENNINGER Karl A. e HOLZMAN Philip S. **Teoria da técnica psicanalítica**. 2ª Ed. Zahar Editores 1982.

FREUD, Sigmund. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. Freud obras completas volume 10. São Paulo. Editora Cia. das Letras, 2010.

GARMA, Angel. **A Psicanálise: teoria, clínica e técnica**. Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1984 / Porto Alegre — RS — Brasil

FREUD, Sigmund. **Recordar, Repetir e Elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II) (1914)** Ed. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud [ESB] Vol. XII . Rio de Janeiro: Imago. P.163-171.

NASIO, Juan-David. **Porque Repetimos os Mesmos Erros**. 2º edição. Editora ZaharRio de Janeiro, 2014

ZIMERMAN, David E. **Manual de técnica psicanalítica: uma revisão**. David E. Zimerman. – Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 45, 46